

Lisa Renee Jones

Autora bestseller do New York Times e do USA Today

*Quando a paixão
te consome,
como poderás saber
onde tu começas
e ela acaba?*

PERDIDA *em mim*

TOP
SEL
LER

«Uma história negra, intensa e erótica. Cada nova revelação sobre Chris e Sara deixa-te inquieta, com as emoções a ferver.»

RT Reviews

*Para o Diego, por sempre acreditar
em mim e nesta série.*

8º diário, 1ª entrada

sexta-feira, 27 de abril de 2012

A escuridão rodeou-me, uma ausência completa de luz que me deixou a tremer por dentro. Não. Não foi a escuridão que me deixou a tremer. Foi ele. Consequia senti-lo, embora não pudesse vê-lo. Oh, sim, conseguia senti-lo. Em todos os poros do meu corpo, em todas as terminações nervosas que possuía, conseguia senti-lo. A rondar-me. A dominar-me, embora ainda não me tivesse tocado. Eu estava completamente à sua mercê, nua e ajoelhada, no meio de um tapete de lã macio. Amarras apertadas prendiam-me da barriga das pernas até às coxas, enquanto outros atilhos me envolviam o peito, segurando os braços atrás das costas. Doía de uma forma agridoce e excitante, e, embora me sentisse exposta e vulnerável, aprendi que estas coisas me excitam de formas que nunca pensei serem possíveis. Não tem lógica, de facto, a maneira como consigo sentir medo de aonde me levará a seguir e ainda assim estremeço de desejo. E estava com medo, enquanto continuava ajoelhada ali, na escuridão. Medo do pouco autodomínio que tenho sobre a reação do meu próprio corpo, do quanto ele me subjuga quando não sou capaz de me controlar. Do quanto preciso de que ele me controle. Não reconheço esta parte de mim agora, enquanto escrevo estas palavras, mas quando estou com ele torno-me no que ele quer que eu seja. Torno-me na sua escrava submissa, embora tenha descoberto que sou apenas uma peça nos seus jogos. Ele nada me prometeu além de me possuir. Ele nunca me pertencerá como eu lhe pertenço. Nunca o controlarei como ele me controla. Sigo as regras dele

e nunca sei como vão mudar, ou o que, ou quem, fará parte do novo jogo em que cada um dos nossos encontros se torna. E, na noite passada, quando um holofote de repente incidiu sobre mim, e apenas sobre mim, quando ele saiu do escuro e se posicionou à minha frente, foi o homem que estava ao meu lado que me assustou. Eram dois, um dos quais odeio que se junte a nós e ele sabe-o; porém, ainda assim convidou essa pessoa a partilhar-me. Eu quis opor-me. Devia ter-me oposto. Mas ali, naquele quarto, eu não era a Rebecca. Era apenas dele. Por vezes, à luz da manhã, quando ele não consegue tocar-me, quando estamos separados, penso que quero ser apenas eu própria, ser novamente a Rebecca. Só que não tenho a certeza de quem ela é. Não tenho a certeza de que ainda me conheço. Quem é a Rebecca Mason?

Estou a sufocar num túnel de completa e absoluta escuridão, criada pela falha de eletricidade inesperada, na arrecadação que tenho estado a vasculhar na esperança de encontrar pistas em relação ao paradeiro da Rebecca. Fui atirada para o meio de um filme de terror horrível, do tipo que odeio ver, e imagino instantaneamente que sou a rapariga que comete os erros todos e acaba morta e ensanguentada. Eu, Sara McMillan, sou uma pessoa lógica, e digo a mim mesma para rejeitar o medo como sendo algo irracional. Isto é apenas uma das esporádicas falhas de eletricidade que a cidade de São Francisco experienciou nos últimos meses, e um rato aos meus pés é a pior das minhas preocupações.

Mas, por outro lado, não é isso o que também pensa sempre a rapariga que é morta no filme de terror? É *apenas* uma falha de eletricidade. É apenas um rato. Já fui estúpida ao vir aqui sozinha à noite e tento não continuar a sê-lo. Numa ocasião anterior descobri que o contínuo deste sítio era esquisito, mas não considerei isso preocupante. Tinha simplesmente ficado demasiado desesperada para sentir que estava a fazer alguma coisa para encontrar a Rebecca, e desesperada para esquecer o silêncio do Chris desde a nossa troca de mensagens esta manhã, quando lhe tinha confessado sentir a sua falta. Receio que esta viagem, para fora da cidade, para o evento de beneficência, lhe tenha dado tempo para decidir que não sente a minha falta.

Afinal de contas, na noite anterior ele ousara mostrar-me um dos seus segredos mais bem guardados e eu fizera exatamente o que ele dissera que eu iria fazer, e que eu jurara que não faria, ao afastá-lo. Ao *fugir*, acrescento em silêncio, a pensar nas palavras que o Chris tinha usado com frequência para prever o meu comportamento.

Outro estalido permeia o silêncio assombroso e eu começo oficialmente a passar-me da cabeça por causa de mais do que apenas o silêncio do Chris. A minha mente esforça-se para identificar o som, sem sucesso. Oh, sim, não há dúvida, eu sou tão incrivelmente estúpida por vir aqui sozinha...! E embora goste de pensar que não costumo ser estúpida, esta noite prova que quando isso acontece sou-o à grande.

Não me atrevo a mover-me, muito menos a respirar, porém consigo ouvir inspirações baixas e roucas e sei que são minhas. Tento ficar em silêncio, mas não funciona. Sinto o peito apertado e cada vez mais dificuldade em encher os pulmões de ar. Preciso de ar. Preciso de ar desesperadamente. Estou a hiperventilar, acho. Sim, é isso. Lembro-me desta mesma sensação, de quase fora do corpo, desde o momento em que um médico saiu do quarto de hospital da minha mãe, há cinco anos, e me disse que ela tinha morrido. Mesmo sabendo o que me está a acontecer, continuo com a maldita respiração acelerada, o que certamente revelará a minha localização. Não compreendo como consigo saber o que está a acontecer-me e ainda assim não ser capaz de o controlar.

Não sei como, estou em pé e não me lembro de me levantar. Caem-me das mãos papéis que não me lembro de segurar. O pânico cresce dentro de mim e diz-me para gritar e fugir. É tão certa e real esta sensação de «lutar ou fugir» que dou um passo em frente, mas outro estalido faz-me parar de imediato. Olho repentinamente para a porta, onde não vejo nada a não ser escuridão. Nada a não ser este buraco profundo e negro que ameaça engolir-me. Outro estalido. O que é este som? Ouço outro barulho — o arrastar de um pé, penso eu — mais perto da entrada. A adrenalina preenche-me e não penso conscientemente, apenas ajo.

Lanço-me, atravessando a arrecadação, na direção que penso estar livre de obstáculos. Porta, porta, porta! Preciso da porta. Onde está

a maldita porta? Os meus dedos encontram espaço vazio e mais espaço vazio até, finalmente, alcançarem aço frio, e sinto-me aliviada quando fecho a porta com força. Pouso as palmas das mãos nessa superfície. E agora? E agora?! Tento trancar a porta mas não consigo. Apercebo-me da realidade com um choque. A fechadura está do outro lado e — oh, céus — quem estiver do lado de fora poderia trancar-me cá dentro. Ou... e se a pessoa que pressenti no corredor tivesse conseguido entrar na arrecadação antes de eu fechar a porta?

Este pensamento aterrador faz-me dar meia volta e encostar-me à porta. Lembro-me de que tenho o telemóvel no bolso do casaco e enfio a mão para tirá-lo. Não consigo ver nada. Obviamente, não consigo sequer pensar como deve ser. Só agora é que me lembrei do telemóvel? Agarro-o mas escapa-se-me das mãos e cai no chão. Frenética, ajoelho-me para o recuperar, aliviada quando a minha mão envolve o plástico macio, mas, por mais que tente, não sou capaz de desbloqueá-lo.

Levanto-me de repente, com medo de ser esfaqueada até à morte enquanto tento digitar o número — e desta vez nada impedirá a minha fuga. Fugir poderia ser outra decisão estúpida, mas neste momento não fugir também me parece extremamente imbecil. Abro a porta de rompante e sou recebida por mais escuridão, mas não me importo. Corro e rezo para que não vá contra quem está aqui dentro comigo ou tropece nos meus próprios pés, no buraco negro que é tudo o que me rodeia. Só quero sair daqui para fora. Fora. Para fora! Só consigo pensar nisso. É o que me faz continuar em frente no caminho direto até à saída. Sou uma autêntica explosão de medo e adrenalina, que dissolveu a lógica que tinha sentido poucos momentos antes.

Procuro a saída, pela luz, mas a porta da rua que tinha estado aberta está agora fechada e embato nela com uma força que me chocalha os dentes. O sabor metálico a sangue invade-me a boca onde os dentes morderam a língua, mas não deixo que me roube a determinação de fugir incólume. Tateio no escuro, à procura da maçaneta, e solto um suspiro de alívio quando esta roda e a porta abre.

Num milésimo de segundo saio do edifício, recebendo com satisfação a luz ténue dos candeeiros da rua e o ar frio da noite de

São Francisco, depois de escapar da escuridão sufocante do edifício, e corro na direção do meu carro. Os músculos fletam-se-me e contraem-se, quando penso que alguém está atrás de mim, mas não me atrevo a gastar segundos preciosos para confirmar ou negar esta possibilidade. A pele delicada da palma da minha mão está marcada pelas chaves, que apertam o metal na carne. Atrapalho-me a encontrar o comando eletrônico para destrancar a porta do carro. O tempo parece parar enquanto luto contra a vontade de olhar para trás e, em vez disso, abro a porta com um esticão.

Certa de que alguém está prestes a agarrar-me por trás, sento-me rapidamente no banco e agarro o puxador da porta, fechando-me no interior do carro e trancando-o. Frenética, olho pela janela e não vejo ninguém, mas espero que partam o vidro a qualquer momento. As minhas mãos tremem com tal violência que tenho de controlar uma com a outra para pôr a chave na ignição. Assim que a chave entra ligo o motor e faço marcha-atrás. Os pneus guincham e o meu coração bate ferozmente. Ponho a primeira mudança e imediatamente piso o acelerador, atirando-me para a frente com o impacto. O som da minha respiração pesada preenche o carro bizarramente silencioso, enquanto fito a porta aberta do edifício e não vejo nada espetacular ou assustador. Simplesmente está... ali. E eu estou aqui e não parece estar mais ninguém por perto.

Não interessa. Quanto mais continuo aqui mais exposta me sinto, vulnerável, um alvo. O meu pé pisa o acelerador. Preciso de sair deste parque de estacionamento e é já.

Mal chego à estrada secundária que leva à via rápida, com as mãos presas ao volante, apercebo-me de uma coisa: a arrecadação ficou destrancada. Deixei-a aberta e estou a ir-me embora. Entro numas bombas de gasolina e estaciono ao lado da loja. Deixo-me ficar ali. Pode ter sido um minuto, ou dois, ou dez. Não sei ao certo. Não consigo pensar coerentemente. Deixo a cabeça pousar no volante e tento concentrar-me. A arrecadação. Os segredos da Rebecca, a sua vida. A morte dela. Levanto a cabeça de repente. Não, ela não está morta. Ela não está morta... e, no entanto, tenho a sensação de que há um segredo sobre ela naquela arrecadação que alguém não quer que eu ou outra pessoa descubra.

Tenho de voltar lá e trancar a arrecadação, sussurro. Podia chamar a polícia para se encontrar comigo. Não me vão prender por ter medo do escuro. Podiam rir, podiam ficar irritados, mas desta vez serei cautelosa e inteligente.

O meu telemóvel toca no assento, para onde não me lembro de o ter atirado, e dou um salto, cerrando o punho entre os seios.

Credo!, murmuro, repreendendo-me a mim própria. *Controla-te, Sara.*

Olho para o número. *Chris.* O meu peito explode de emoção. Há tanta coisa entre nós por resolver, tantas razões por que agimos mal... Ainda assim, apesar disso, ou talvez por causa disso, nunca precisei de ouvir a voz de alguém tanto quanto a dele, agora.

— Sara — murmura ele quando atendo. O meu nome é um som rouco de pura perfeição masculina que irradia por mim e se instala nas profundezas ocultas da minha alma, que apenas ele parece preencher.

— Chris. — A minha voz vai-se abaixo ao dizer o nome dele, porque, raios partam, os meus olhos estão a arder. Como é que passei de viver os últimos anos sem ser afetada pelo que me rodeia para a situação oposta, numa questão de semanas? — Quem... quem me dera que estivesse aqui.

— Eu estou aqui, querida — diz ele, e eu julgo, espero, ouvir um tom de emoção a marcar as palavras dele. — Estou à tua porta. Abre.

Pisco os olhos, confusa.

— Pensava que estavas em L. A., para o evento de beneficência.

— Estava e tenho de voltar para lá amanhã de manhã, mas tinha de te ver. Abre a porta e deixa-me entrar.

Estou estupefacta. Andei preocupada o dia todo com o silêncio dele. Recreei que me fosse afastar, como eu o tinha afastado na noite passada.

— Vieste para casa só para me ver?

— Sim. Vim só para te ver. — Ele parece hesitante. — Vais deixar-me na rua?

Sinto mais uma explosão de emoção que tento afastar, e o ardor nos meus olhos ameaça transformar-se em lágrimas. Ele veio ver-me,

deu-se ao trabalho de voar de outra cidade, mesmo depois da forma como eu tinha reagido à confissão dele no clube, na noite passada.

— Eu não estou em casa. — A minha voz mal se ouve. — Não estou e quero estar. Podes vir ter comigo, por favor?

— Onde é que estás? — pergunta, a soar tão desesperado como eu me sinto.

— A uns quarteirões de distância. Numa estação de serviço ao pé da arrecadação de que te falei.

Não sou capaz de dizer o nome da Rebecca, e não sei porquê.

— Vou já para aí.

Abro a boca para lhe dar direções, mas a chamada desliga-se.

2

Saio do carro assim que vejo o *Porsche* do Chris entrar no parque de estacionamento, e o arrepio que sinto quando saio para a rua não tem a ver com o ar frio que sopra do oceano, aqui perto, mas com o que tinha acontecido há pouco naquela arrecadação. Abraço-me e vejo-o a aproximar-se do meu *Ford Focus* prateado, com o meu coração a bater violentamente no peito. De repente sinto-me nervosa e insegura, e odeio esta parte de mim da qual não consigo fugir. E se interpretei mal esta visita e ele está aqui para terminar o que existe entre nós? E se a minha reação à sua grande revelação na noite passada, no clube do Mark, o convenceu do que declarou tantas vezes, que eu não pertenço a este mundo, ao mundo dele?

O 911 move-se com elegância, parando no lugar ao lado do meu, e tento não pensar no facto de que é o mesmo carro que o meu pai conduz. O meu pai é a última pessoa em que devo pensar, porém tem ocupado os meus pensamentos durante estas últimas semanas e não sei porquê. Sinto-me desorientada, sem conseguir raciocinar como deve ser, agitada pelos acontecimentos desta noite e pelo meu medo do que irá acontecer com o Chris.

Observo-o a sair do carro, e só de vê-lo a assomar-se sobre o tejadilho do *Porsche* sinto a minha pulsação a acelerar novamente. Ele circunda o carro pelo porta-bagagens, e, vestido com calças de ganga pretas, botas de motoqueiro, um casaco de cabedal e o cabelo louro

espetado no colarinho, tem um ar desarrumado e sensual, e, oh!, tão grosseiramente masculino... Os seus passos largos imitam a mesma urgência que eu sinto, e atiro-me na direção dele.

Os poucos passos entre nós parecem uma eternidade antes de estar finalmente nos seus braços, envolta no casulo quente do seu abraço, absorvendo o meu corpo com o seu. A discussão da noite passada foi-se como se nunca tivesse existido. Relaxo no seu corpo firme, enfiando as mãos por baixo do casaco de cabedal e inalando o odor maravilhoso a sândalo e almíscar que é tão tipicamente do Chris.

Num movimento simples, ele move-me para o lado do carro, onde a parede nos esconde dos olhos das pessoas que vão e vêm da loja.

— Fala comigo, querida — ordena-me, observando-me sob o brilho ténue e quase inexistente das luzes de estacionamento do *Porsche*. — Estás bem?

Fito os seus olhos e, mesmo na escuridão cerrada, sinto uma ligação entre nós, a profundidade dos sentimentos dele por mim. O Chris tem camadas que não finjo compreender, mas ele preocupa-se comigo e eu quero que veja o que não consegui mostrar-lhe na noite passada. Quero compreendê-lo. Quero-o, todo, incluindo aquelas partes com as quais lhe dei a entender que não conseguia lidar.

— Sim — sussurro. — Agora que estás aqui, estou bem.

Assim que digo estas palavras, a boca dele pausa na minha e consigo saborear o desespero, o medo, que reconheço agora que também sinto, um medo de que depois da nossa visita ao clube do Mark nunca mais voltaríamos a estar assim, juntos. Arqueio as costas na direção dele, sorvendo a sua paixão, instantânea e satisfatoriamente consumida por tudo o que ele é e podia ser para mim. Uma semente misteriosa do que começou na arrecadação, ou talvez na noite passada no clube, tenta vir à superfície, algo que a minha mente recusa aceitar. Desesperada para fugir do que não quero encarar, faço o que nunca me atrevo a fazer e perco-me no momento. Sinto-me a sucumbir cada vez mais à paixão, perdida no calor que arde no fundo da minha barriga, o desejo que se espalha, húmido e quente, entre as pernas. Nada sinto a não ser o deslizar da língua do Chris na minha, o sabor e o cheiro dele, a sensação das suas mãos

a moldarem-me possessivamente contra o seu corpo. Preciso disto. Eu preciso *dele*.

Enfio as mãos por baixo da sua camisola, absorvendo a sensação quente da pele firme sobre os músculos sólidos, chegando-me mais a ele, que solta um som rouco de desejo vindo do peito, e eu reju-bilo com o prazer dele, o desejo que sente por mim, pela forma como desliza as mãos pelas minhas costas abaixo, passando pelo tra-seiro, até por fim me puxar com força contra as suas virilhas. Enfio a língua na boca dele quando sinto a ereção vigorosa contra a minha barriga, e algo me faz perder a cabeça. Estou-me nas tintas para onde estou. Não quero saber onde estou. Só quero o Chris. Não consigo parar de o tocar, de o saborear. Não tiramos as mãos um do outro e eu perco-me. Ainda assim, não é o suficiente para manter aquela semente misteriosa à distância. Preciso de algo mais. Preciso...

— Sara.

Arquejo quando o Chris afasta a boca da minha. O meu nome é como um sussurro de calor e desejo, que sai à força da garganta dele. Sem noção de quanto tempo passou, vejo-me encostada à parede e não me lembro de como ali fui parar, nem quero saber. Tento beijar o Chris outra vez. Ele enfia os dedos no meu cabelo, segurando-me para trás, e está a respirar com tanta dificuldade quanto eu.

— Temos de parar antes que eu faça com que sejamos presos. E neste momento não faltaria muito para correr esse risco só para estar dentro de ti.

Sim. Por favor. O Chris dentro de mim, a preencher-me. Anseio por isso mais do que do ar que respiro. Pisco os olhos a olhar para ele, estupefacta, mas não confusa em relação ao que quero, que é ele. Agora. Aqui. Mas o som de um motor e o riso de uma criança atingem-me com um sobressalto que me deixa tensa. Recordo tudo o que aconteceu na hora passada e sinto um nó apertado na barriga. Estou chocada por me ter esquecido de onde estou e da necessidade urgente de trancar os pertences da Rebecca.

Abro a mão sobre o peito quente do Chris.

— Esqueci-me das horas.

Estou ofegante. Como poderia não estar, quando as ancas deste homem estão a roçar nas minhas, prometendo o tipo de doce escape que sei que me pode dar? Tento pensar racionalmente, com a mente enevoada de desejo.

— Esqueci-me de trancar a arrecadação. Tenho de lá voltar antes que o edifício principal feche, mas não sou capaz.

Quero contar-lhe tudo o que aconteceu. Ele é a única pessoa com quem posso falar sobre os meus receios pela Rebecca, mas sei instintivamente que ele vai perder a cabeça e fazer demasiadas perguntas quando não há tempo. Tenho de voltar à arrecadação rapidamente.

— Podes seguir-me? Tenho de me despachar.

Não espero por uma resposta. Deslizo pela parede para escapar dele e sem sucesso tento contorná-lo.

Ele pousa a mão na parede ao lado da minha cabeça, ficando eu encurralada.

— Do que precisas da arrecadação da Rebecca a esta hora da noite?

O queixo dele está tenso de uma forma que agora já conheço bem, e, apesar do que significa, parte de mim rejubila com o facto de que começo a conhecê-lo.

Passo a mão levemente pela barba curta loira-escura no queixo dele, responsável pela deliciosa sensação áspera na minha face.

— Posso explicar pelo caminho? Por favor, Chris? Não quero mesmo ficar trancada fora do edifício principal.

O olhar dele é penetrante a ponto de atravessar a escuridão e, raios partam, eu estava certa na minha assunção. Ele está inflexível, imóvel. Sem vontade de me deixar escapar sem lhe dar uma explicação.

— O que é que me estás a esconder, Sara?

— Caso não saibas, tu consegues ser muito autoritário. Eu conto-to pelo caminho.

— Conta-me agora.

— Eles vão trancar o edifício, Chris.

Ele não arreda pé. Pois, claro que não. O Chris está sempre a controlar. *Não sempre*, diz uma voz na minha cabeça, e lembro-me de ele

me oferecer a sua camisola para evitar que me sentisse insegura com a minha nudez, quando ele ainda estava vestido. Com gestos pequenos mas importantes, ele partilha o poder comigo.

— Passei por lá para ver se conseguia encontrar mais alguma coisa que me ajudasse a contactar a Rebecca. — Não pretendo dizer mais nada, mas ele encara-me e a minha tendência para a verborreia nervosa entra em cena. — Perdi a noção do tempo e depois de repente a eletricidade foi abaixo e ficou tudo às escuras. Senti que estava a sufocar, não conseguia ver nada e assustei-me. Ouvi uns estalidos estranhos e senti que não estava sozinha.

— O que queres dizer com «sentiste que não estavas sozinha»?

— Só sei que não estava sozinha. Havia alguém dentro do edifício. Parecia que me estavam a seguir. Não sabia se devia esconder-me ou fugir e não conseguia ver o maldito telemóvel para ligar. Finalmente desatei a correr e quando cheguei ao carro guiei até aqui. Foi assim que acabei por deixar a arrecadação aberta. Tinha acabado de estacionar o carro quando ligaste.

Ele fita-me intensamente durante outro momento e depois afasta-se da parede, praguejando em voz baixa, ao pousar as mãos nas ancas, por baixo do casaco.

— E que porra estavas a fazer na arrecadação sozinha depois de escurecer, para começar?

Sinto-me subitamente na defensiva, ainda mais porque sei que não foi a coisa mais inteligente que já fiz. A estupidez não é algo fácil de encarar.

— Não fales assim comigo, Chris.

— Falo sim, se continuas a tomar decisões que te põem em perigo.

Fico ainda mais irritada.

— Eu consigo cuidar de mim. Há anos que o faço.

— Foi isso que fizeste esta noite? — A raiva dele é palpável, emanando como o zumbido de eletricidade. — Cuidar de ti? Porque, se assim é, estás a pregar-me um susto do caraças, Sara. Eu disse-te que arranjaría alguém para investigar o paradeiro da Rebecca e isso quer dizer que deves deixar o assunto em paz.

Já passei da fase da defensiva. Agora estou furibunda. Não preciso que outro homem me diga que não sei cuidar de mim própria. Mando vir com ele.

— Já tivemos esta conversa, Chris. Lá porque me andas a comer não tens o direito de controlar a minha vida.

Ele firma o maxilar, e, embora as sombras ocultem os seus olhos verdes, tenho a certeza absoluta de que estão a brilhar com uma raiva flamejante.

— Voltamos a isto, é, Sara? Eu ando a comer-te? Voltámos ao mesmo depois do que aconteceu ontem à noite? É por isso que estás toda em cima de mim num parque de estacionamento? Porque, se queres que te coma eu como-te até não te lembrares do teu maldito nome e nunca mais te esqueceres do meu.

Fico a arder porque sei que ele é bem capaz de fazer jus ao que disse. Mas, no fundo, as suas palavras dão a entender que ele deduziu que ainda não cheguei a esse ponto, mas que não sabe que nunca o esquecerei e, mais ainda, que não quero sequer tentar. Abro a boca para dizer isso mesmo, mas não tenho essa oportunidade.

— Decide-te agora, Sara — exige ele. — Se estou contigo para lá de umas sessões de sexo, não tenhas dúvidas de que vou fazer todos os possíveis para te proteger e tu vais ter de te conformar com isso.

O meu humor altera-se no instante em que ouço o ultimato. Já me encontro em território habitado pelos meus antigos traumas e consigo de súbito saborear o veneno do passado em todas as palavras que sibilo.

— Proteger-me ou controlar-me, Chris?

Espero que ele reaja, que tente deitar-me abaixo, que exija de mim o que acha ser um direito seu. Parte de mim quer que ele aceite o desafio. Outra teme que o faça. Mas, pelo menos, se aceitar sei como lidar com isso.

Mas este é o Chris e ele nada faz que eu esteja à espera, nem agora nem nunca. Apenas olha fixamente para mim, com uma expressão indecifrável, com o queixo firme e inflexível.

Passam-se longos e tensos segundos, até que ele vasculha o casaco e tira do bolso as chaves do carro.

— Vamos lá trancar a maldita arrecadação.

Ele vira-me as costas e eu sinto o estômago cair-me aos pés. Não quero zangar-me com ele. E, de qualquer maneira, apercebo-me de que não estou zangada com o Chris. Estou zangada com o meu passado e recuso-me a deixar que os meus antigos traumas nos separem.

Chego-me à frente e coloco-me entre ele e o carro, pousando-lhe a mão no peito. Ele não me toca. Baixa o semblante para mim e não vejo emoção nos seus olhos. Já vi este Chris antes, quando estávamos na adega e ele me dera algo do seu pai, e estava a isolar-se emocionalmente. Não vou deixá-lo fazer isso agora. Não comigo. Não porque deixei que um maldito trauma do passado se intrometesse.

Sinto o peito apertar com emoção e baixo as pálpebras.

— Desculpa.

Suspiro profundamente e fito-o nos olhos. Estou a morrer de medo de ser vulnerável com este homem, que, mesmo sem tentar, tem mais poder sobre mim do que qualquer outra pessoa antes, mas lembro-me de que vir até aqui foi a sua forma de fazer as pazes, um ato de vulnerabilidade.

— Eu precisava de ti aqui e não sei como estás, e não tens noção de como isso é importante para mim. Não sei como fiz esta trapalhada toda, Chris. Por favor não deixes que estrague isto outra vez, como fiz na noite passada.

Por um momento ele está tenso, inflexível, a fitar-me com um olhar velado que não consigo decifrar, mas de repente pousa os dedos à volta do meu pescoço daquela maneira familiar e aproxima a minha boca a meros milímetros da dele.

— Não sei se conheço a diferença entre proteger e controlar. Tens de perceber isso.

À superfície, o aviso dele é puramente masculino e dominante, mas tem outro sentido subjacente. Ele não é feito de pedra, pelo menos não comigo, e eu identifico-me com isso como com tantos outros aspetos relacionados com o Chris.

— Desde que saibas que vou dizer-te quando passares do limite.

Ele aflora os lábios levemente nos meus, de forma suave mas possessiva também.

— Mal posso esperar — assegura-me, sem o mínimo de resistência face a eu reivindicar o meu pedaço de controlo. A promessa sedutora na sua voz áspera causa-me arrepios nas costas e desperta todas as terminações nervosas do meu corpo. Como costuma acontecer com o Chris, sinto que há um significado oculto nas palavras dele que ainda não foi revelado e quero compreender isso, e a ele.

Inclina-se para trás e encara-me. Nesse instante algo muda entre nós e cresce. Algo que não consigo identificar, mas o meu sexo contrai-se e anseio que isso seja algo profundo e angustiante. Algo que ainda tenho de descobrir sobre mim mesma e que sei que o Chris me pode mostrar. E sei que estou pronta a ir com ele aonde nunca quis ir com outra pessoa. Não, é algo mais profundo do que prontos. É uma necessidade física.

3

O Chris estaciona o 911 à frente do edifício, mesmo junto à porta, em vez de no parque de estacionamento vazio.

— Eu vou lá trancá-la — diz ele, pondo o carro em ponto morto e ligando as luzes de estacionamento. — Qual é o número da arrecadação? Preciso de chave?

— É o número 112 e tem um cadeado com código, que deixei pendurado e aberto na porta — respondo, tendo virado o olhar para a arrecadação. Parece que somos os únicos aqui e o edifício ainda está às escuras. O Chris começa a sair do carro mas eu agarro-lhe no braço. — A porta está aberta, Chris.

— Não é essa a ideia? Vir aqui a tempo de trancar a arrecadação?

— Sim — respondo, a olhar de relance para o relógio no tabliê.

— Mas passam 30 minutos da hora de fecho. Não devia estar aberta.

Olho de novo para a porta e para o buraco negro que se estende para lá dela. Lembro-me de como me tinha sentido a sufocar ali dentro e estremeço, pondo os braços à volta do meu corpo, certa de que alguém tinha estado ali dentro comigo.

— O que se passa, querida? — insiste o Chris, levantando-me levemente o queixo para observar o meu rosto. — No que estás a pensar e não queres dizer?

A minha mente recorda o momento em que tinha irrompido finalmente porta fora e volto a sentir o coração na garganta.

— A porta estava aberta quando entrei e quando vim a correr para a rua estava fechada. Alguém me trancou de propósito lá dentro. — Olho para ele. — E, por favor, não me dês sermões. Já sei que foi uma estupidez vir aqui sozinha à noite. Acredita, eu sei, Chris. Sofri as consequências uma centena de vezes ao estar cheia de medo dentro daquele edifício.

O olhar dele entenece-se por um instante e afaga-me o cabelo.

— Eu sei que sofreste, querida. E podes apostar que vou ter uma conversa com a gerência acerca da segurança. Eles são responsáveis pela segurança de todas as pessoas dentro da propriedade.

— O tipo que trabalha aqui é assustador, Chris. Não tenho grandes esperanças de este lugar ser seguro.

Ele franze o sobrolho.

— Porra, Sara, dizes isso mas vieste aqui sozinha à noite!...

Faço uma careta.

— Estás a refilar outra vez.

— Não paras de me dar motivos para imaginar o que te deu na cabeça esta noite.

— A senhora que faz o turno da manhã no McDonald's, ao pé da minha escola, é rabugenta e eu continuo a ir lá buscar o café.

— Não te adianta nada mudar de assunto, Sara. Só te espera é uma certa dose de raiva minha quando chegarmos a casa.

Casa. A palavra vibra dentro de mim porque sei que com o Chris nada é sem intenção. O meu coração começa a bater mais depressa por causa da intimidade implícita e... do bem que sabe.

— Raiva? — pergunto. — O que quer isso dizer exatamente?

Ele inclina ligeiramente a cabeça e a sua voz torna-se perigosamente tensa.

— Usa a tua imaginação. Ou talvez devêssemos usar a minha. A não ser que agora isso te assuste.

Ele está novamente a testar-me, a lembrar-me do clube na noite passada, a certificar-se de que não me esqueço da mulher que vi a ser amarrada e chicoteada. De ele ter confessado que foi emissor e receptor de dor. Levanto o queixo em desafio.

— Eu não tenho medo. Não de ti. Nem... contigo.

Ele semicerra os olhos e sei que está a ponderar a minha afirmação.

— Já disseste isso antes.

— E nada mudou.

— Não?

— Na verdade, sim. Agora sei os teus segredos mais bem guardados, que disseste que me fariam fugir, e aqui estou eu.

— Tu fugiste, e, querida, tu só pensas que sabes os meus segredos mais bem guardados.

— Então mostra-mos.

Estou ofegante.

— Sim, mostro-te.

Não é uma pergunta. Ele baixa o olhar para a minha boca e eu fico instantaneamente ciente do quão deliciosamente brutais as coisas podem ser quando ele acrescenta:

— Há um preço por não cuidares de ti como dizes que fazes tão bem. — Ele ergue o semblante para mim e nas suas profundezas vejo perversidade. — Terei de castigar-te.

Fico com um ar zangado quando ouço a referência a quão bem cuido de mim.

— Não sejas chico-esperto. Eu consigo cuidar de mim.

— Isso é o que tu dizes....

Ele faz um trejeito divertido com os lábios. Os seus olhos brilham e o mau-humor dissipa-se num instante, como costuma acontecer.

— Eu só estou a tomar conta de nós. Preciso de ti sã e salva para te poder foder até não te lembrares do teu nome.

Sinto-me a aquecer por dentro e aproveito a oportunidade para afirmar o que não tinha dito antes.

— Tu já fizeste isso, mas se te queres esmerar fica à vontade.

— O teu desejo é uma ordem — assegura-me.

— Eu cá duvido disso.

— Não duvides, querida — diz ele, e o riso entre nós desvanece-se quando nos fitamos com a promessa de um prazer misterioso e erótico e muito mais.

Sinto o peito apertado e toco-lhe numa face.

— Estou muito feliz por estares aqui.

Ele contorna o meu lábio inferior e beija-me, deslizando rapidamente a língua, fazendo-me gemer com o sabor do seu desejo — e com o meu.

— Deixa-me ir trancar a arrecadação, para podermos sair daqui.

Agarro-lhe na mão quando tenta mover-se.

— Não se consegue ver nada lá dentro.

— Tenho uma lanterna no porta-bagagens.

— E se quem estava comigo ainda estiver lá dentro?

— Se tentarem alguma coisa, bato-lhes com a lanterna. — Ele agita a sobrancelha. — Eu sou muito eficiente, principalmente quando tenho coisas melhores para fazer — ele sorri —, como tu.

Sai do carro antes que possa impedi-lo e não suporto a ideia de ele entrar naquele buraco negro. Saio também e junto-me a ele ao pé do porta-bagagens.

— Ai, mulher...!

— Poupa as tuas ordens para outra altura mais convidativa, Chris. Não vou ficar no carro. Nunca viste o filme *Sexta-Feira 13*? O Michael estripa a rapariga no carro.

— O Michael é do *Halloween*. O Jason é que entra no *Sexta-Feira 13*.

— Seja quem for, ele estripa a rapariga no carro. E eu não vou ficar no carro.

Ele fecha o porta-bagagens com força; tem agora na mão uma lanterna comprida e prateada.

— E achas que a opção mais segura é entrares na arrecadação escura com um tipo e uma lanterna?

— Eu vou ficar contigo, Chris.

— Sara...

As luzes piscam atrás de nós e ambos nos viramos quando uma carrinha da manutenção entra no parque.

— Parece que o técnico de reparações chegou.

A carrinha para ao nosso lado e os sons de passos na gravilha fazem-me olhar para um homem com um uniforme da manutenção cor de laranja, que vem a caminhar do edifício da gerência.

— É o tipo de quem não gostas? — pergunta o Chris.

Abano a cabeça.

— Não. Não é ele. — Este é uns 20 anos mais velho, e, embora pareça carrancudo, não provoca arrepios. Olho de relance para o Chris.
— Acho que devia ter ido à gerência primeiro.

Começo a duvidar de mim mesma. Terei criado este perigo na minha cabeça? Terei exagerado a situação?

O Chris vira-me de frente para ele e enfio os braços por baixo do seu casaco. Ele está quente e o vento é frio.

— Não faças isso... — ordena-me.

— O que foi que fiz?

— Se sentiste que estavas em perigo, se alguma vez sentires que estás em perigo, não ignores essa sensação.

— E se for apenas uma ocasional falha de eletricidade?

— O que entendes por ocasional? — pergunta-me.

— Não sei. Não é uma coisa na cidade inteira, como pensava que podia ser. Eu só... não sei o que hei de pensar.

— Depois resolvemos isso.

Os dedos dele apertam-me as ancas e a forma possessiva como se expandem faz-me acreditar nele.

— Em que posso ajudar-vos?

Viramo-nos e encontramos o homem da manutenção atrás de nós, e fico espantada com a rapidez com que ele chegou, ou se calhar é o tempo que passa depressa quando estou nos braços do Chris. Suspeito de que seja esse o caso quando o Chris me solta e eu desejo que não o tivesse feito.

O Chris indica a sua lanterna ao levantar a mão.

— A luz foi abaixo antes de podermos trancar a arrecadação. Só queremos fechá-la para irmos embora.

O homem coça o queixo.

— Não sabia que havia pessoas lá dentro quando a luz foi abaixo. Eu entrei e procurei se havia alguém que precisasse de ajuda.

— Eu estava lá dentro — digo. — E não foi divertido. Alguém fechou a porta da rua e eu não conseguia sair.

O homem franze um sobrolho.

— A porta está aberta, minha senhora. Estava aberta quando entrei.

— Porque eu a abri — digo, declarando o óbvio. Não consigo evitar o tom defensivo da minha voz.

— Este sítio tem câmaras de vigilância? — pergunta o Chris.

— Tem — diz ele. — Mas sem eletricidade não há câmaras.

— Certamente que a segurança remota tem a sua própria fonte de alimentação — contrapõe o Chris.

— Não somos assim tão sofisticados, amigo. Somos só nós.

É a vez de o Chris franzir um sobrolho.

— Então, se calhar, deviam ser mais sofisticados. Ela podia ter-se magoado.

— Nunca ninguém se magoou aqui — argumenta o homem.

Parece que o Chris vai discutir, mas cerra os lábios.

— Nós só queremos trancar a nossa arrecadação e sair daqui.

— Qual é o número? — pergunta o homem.

— 112 — digo-lhe.

Ele coça o queixo.

— Ah, certo. Foi comigo que falou ao telefone. Estou a ver que essa arrecadação está outra vez na minha lista de leilões pendentes. Já passou o prazo da renda.

— Mas o gerente deu-me mais uma semana.

— Isso foi há quase duas semanas — diz ele. — E fui eu que lhe dei.

— Nós pagamos outro mês — diz o Chris, e eu encolho-me.

Viro-me para ele, que finge não dar conta da minha expressão de objeção, mas sei que repara. Ele concentra-se no homem da manutenção.

— Vamos lá trancar aquilo e depois vamos ao gabinete da gerência para pagar.

— Muito bem — concorda o homem.

O Chris pega-me na mão.

— Não discutas.

— Não quero que pagues as minhas contas — digo baixinho, durante o caminho até ao edifício.

— Eu sei.

— Não precisas de cuidar de mim, Chris.

Ele baixa o olhar na minha direção.

— Isso é questionável, depois da noite de hoje.

— Vou fingir que não disseste isso, porque tenho a certeza de que não haverias de querer que continuasse a sentir o peso da minha decisão vezes sem conta. Isso não seria nada decente da tua parte.

— Eu quero que estejas em segurança.

— E estou. Estou em segurança. E vou receber em breve um cheque da galeria para pagar a renda daqui. Estava a planear pedir por mais tempo e pagar-lhes depois.

— Agora não tens de fazê-lo — diz ele. — E o que vais fazer em relação ao teu trabalho na escola?

— Estás a mudar de assunto.

— Não estás a responder à pergunta.

— Tenho tempo para decidir. — Não sei o quão familiarizado ele está com o sistema da escola e os cortes orçamentais do novo presidente da câmara, uma vez que passa metade do ano em Paris.

— Este é o segundo ano em que os liceus públicos têm anos letivos mais curtos e dias de aulas maiores. Só começo as aulas a 1 de outubro.

Paramos à porta do edifício e o Chris acende a lanterna.

— Tu sabes que não vais voltar para lá. Devias ligar-lhes agora, para que possam substituir-te.

— Não posso falar sobre isso agora — digo quando paramos à entrada do edifício e a escuridão começa a dar-me arrepios. Aproximo-me do Chris e envolvo o braço à volta do dele. — Só quero entrar e sair daqui.

Damos vários passos em frente e ouvimos aquele barulho que me tinha deixado maluca quando estivera sozinha no escuro. *Pop, pop*. Paro imediatamente de me mexer.

— O que é aquilo?

O Chris move a lanterna na escuridão e ouve-se um crepitar e outro estalido. Ele incide a luz na parede junto ao chão e guia-me em frente. Agacha-se junto a uma tomada de eletricidade e eu acocoro-me também e olho na direção do feixe de luz, fitando a tomada. Há um clipe enfiado num dos buracos da tomada.

Sinto o peito apertado.

— Acho que agora sabemos o que entender por ocasional.

Olho-o fixamente nos olhos.

— Tenho de me certificar de que nada óbvio desapareceu da arrecadação.

O Chris levanta-se e puxa-me para cima, e encontramos a porta da arrecadação fechada.

— Suspeito de que o tipo com quem falámos agora a fechou.

Certo. Claro. Faz sentido.

— Ainda assim quero dar uma vista de olhos lá dentro.

Ele abre a porta e aponta a luz para o interior da arrecadação, incidindo nos papéis no chão.

— Eu deixei-os cair — conto-lhe, revivendo o pânico que senti.

— Precisas deles?

— Não — digo, querendo apenas sair dali. — Agora não.

— Então parece estar tudo em ordem?

— Sim. Não parece que tenham mexido nalguma coisa.

A não ser que soubessem exatamente o que pretendiam e onde estava, diz uma voz na minha cabeça. Talvez mais diários? Há muitas partes da vida da Rebecca, incluindo como ela chegou e saiu da galeria, que não constam do que eu li. Não sei porque só percebi isso agora. A Rebecca era demasiadamente consistente com a sua escrita para saltar longos períodos de tempo. Se estiver certa tem de haver pelo menos mais alguns diários, e faria sentido que estivessem dentro da arrecadação. Ou tivessem estado, até esta noite.



Trinta minutos mais tarde, estou encostada à parede do gabinete, pequeno e quadrado, da gerência das arrecadações, remotamente ciente de que o Chris está concentrado a conversar com o gerente. O meu Príncipe Negro pode realmente fazer ou dizer o que quiser neste momento, se isso me tirar deste sítio o mais depressa possível. Consigo manter-me atenta à conversa durante tempo suficiente para ouvir o Chris garantir um mês de aluguer gratuito, mas também não é uma surpresa, uma vez que o Chris arrasa completamente

o gerente com a promessa de um processo judicial por causa do perigo que eu tinha corrido.

Perigo. Esta palavra faz-me analisar os meus pensamentos. Digo a mim mesma que o Chris é excessivamente protetor, e, embora saiba bem ter alguém que se preocupa comigo, ele também está a dramatizar o medo na minha cabeça e eu já sou bem capaz de exagerá-lo sem a sua ajuda. Os meus pensamentos são uma montanha-russa de possibilidades vis que me deixam confusa. Se corri perigo naquela arrecadação, corro perigo agora? No que foi que me meti? E no que se meteu Rebecca? Não consigo evitar reviver o que aconteceu no escuro, imaginando fins alternativos, e nenhum deles é feliz. Como é que todos dizem que ela foi embora com um homem giro e não sentem a falta dela?

Sinto nós na barriga e penso na Ella. Interpretei o silêncio dela como se estivesse feliz na lua de mel e fosse uma amiga que se tinha esquecido de mim no meio da sua paixão e amor recém-descobertos. Não seria algo impensável no que diz respeito à Ella. Ela sente-se sozinha e anseia pela sensação de pertença que este homem lhe deu. Mas não é esse anseio uma vulnerabilidade de que o homem errado se poderá aproveitar?

De súbito, preciso de ouvir a voz da Ella. E, se ela me esqueceu por causa da sua felicidade de recém-casada, dar-lhe-ei um sermão com todo o gosto. Só preciso de saber que está bem. Sou a única pessoa que sentirá a falta dela. É importante para mim que saiba que a apoio, que se alguma vez não estiver bem, alguém se preocupará com ela.

Afasto-me da parede, tiro o telemóvel do casaco e vou para a rua, mas rapidamente me posiciono junto ao vidro ao pé da porta onde o Chris me consegue ver e eu a ele. Não vou ser estúpida outra vez esta noite. O ar noturno não ajuda, mas ignoro o frio.

Digitando o número da Ella, rezo para que me atenda, mas recebo um sinal de linha ocupada. Bato com o telemóvel na testa. Porque foi que não pedi um número alternativo? Porquê? Não faço ideia do que fazer. Nem sequer sei o dia exato em que ela deve voltar para casa, pelo que decido que o melhor que tenho a fazer é telefonar no dia seguinte para o consultório do novo marido dela.

A porta abre-se e o Chris aparece. Não sei como é possível, mas sempre que o vejo parece que é a primeira vez, como se ele entrasse dentro de mim e preenchesse o vazio.

Pousa uma mão na parede acima de mim, abrigando-me do vento, do mundo. Ele representa calma, poder e força e entende a mulher dentro de mim de formas que nunca outro homem conseguiu.

— Como te sentes? — pergunta, observando-me com olhos verdes-claros perscrutadores, que parecem sempre ver demais. — Estás bem?

Passo-lhe a mão numa face, apreciando nos dedos a aspereza suave da barba loira-escura.

— Hei de estar quando conseguirmos sair daqui. — Deixo cair a mão. — O que disse o gerente a respeito dos cliques?

— Ele diz que já tiveram problemas com miúdos que causam desordens no edifício. Vândalos.

Sinto uma pontada de raiva e indignação.

— É essa a explicação dele? Que foram miúdos a fazer isto?

— Está a proteger a pele, Sara. — Ele desliza a mão pela minha cintura e pousa-a no meu rabo, apalpando-me com intimidade. — E eu tenciono proteger a tua. — Ele afasta-me o cabelo dos olhos. — Ficas em minha casa até o investigador privado nos dizer que não há motivos para nos preocuparmos. Assim ninguém se chega a ti a não ser eu — ele baixa a voz, com um tom cavo — e serás toda minha.

A forma possessiva com que o corpo dele enclausura o meu e a maneira como diz as palavras causam-me um arrepio no corpo todo. Recuso-me a pensar nas consequências de me entregar ao Chris, um homem que sei que me consumirá, se calhar destruirá, mas neste momento sinto que está a salvar-me. Estou disposta a ser toda dele.

Depois de encarar o abismo, poderá o amor voltar?

Enquanto procura entender o que terá acontecido a Rebecca, Sara envolve-se cada vez mais na sua vida. Onde estará ela? Quem será o amante descrito nos diários? Será que Chris é uma das pessoas referenciadas naquelas páginas?

Todas as pessoas relacionadas com a galeria de arte onde Rebecca trabalhava podem ser suspeitas, desde o dono, Mark, até aos seus clientes e artistas. Gente rica e entediada, desesperadamente à procura de alguma adrenalina na sua vida.

Com tanta coisa a acontecer, o seu romance com Chris vai se tornando cada vez mais complexo e excitante, enquanto Sara descobre todos os prazeres e segredos do seu pintor favorito. Agora é tarde demais para recuar. Sara já faz parte deste mundo de arte, sexo, dinheiro e segredos. Conseguirá sobreviver-lhe?

Intenso, sensual e forte, este livro de Lisa Renee Jones vai dar às fãs de J. Kenner, Maya Banks, Sylvia Day e EL James exatamente aquilo de que estão à procura.

*Leia também o início
da paixão de Chris e Sara:*



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-32-6



9 789898 869326

Romance Erótico